



URBANISMO — um problema de todos

Quando muita gente resolve viver em pouco espaço o que acontece com a liberdade, o comportamento, a vida de cada um? As cidades tornaram-se sobretudo aglomerados populacionais. Envelhecem como nunca e são forçadas a renovar-se constantemente. Esse esforço de renovação nem sempre atende aos problemas e ao significado dessa vida de densidade demográfica. As grandes metrópoles destruíram a convivência, dissolveram os laços familiares e as relações entre vizinhos e destruíram as normas de comportamento. Esqueceu que nas cidades também nascem crianças e vivem pessoas. Ignorou as escolas, os parques infantis, os centros de enfermagem, os locais de evasão e de abastecimento, as zonas verdes, as avenidas largas. As urbanizações não se preocupam com os espaços exteriores. A qualidade de vida nos centros populacionais continua a ser ditada pela construção gananciosa e pela sede desenfreada do lucro. Viver na cidade torna-se, cada dia mais difícil, menos possível e mais desumano.

Os prédios crescem, enormes por fora e pequenos por dentro. Aglomeram-se lado a lado, alinhados ou não, de esquina ou de frente.

No mínimo de terreno, busca-se o máximo de aproveitamento (?). Arejados ou mais parecendo enormes fortalezas de cimento, crescem para as alturas, roubando o sol ao prédio vizinho que já existia antes... Largas avenidas, airosas praças, estabelecimentos de ensino, zonas verdes, e outro equipamento é coisa que não se pensa.

Apinhados, em «modernas urbanizações», os prédios constituem a cidade de

cimento, fria e insensível às necessidades e aos direitos do homem que a habita.

Nas afirmações que a seguir transcrevemos, o arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles, de autoridade reconhecida, aborda o problema do urbanismo e da qualidade de vida que o homem encontra nas cidades de hoje.

«A URBANIZAÇÃO DEVE TER EM VISTA OS INTERESSES MATERIAIS, SOCIAIS, ECONÓMICOS E CULTURAIS DA COMUNIDADE».

Como poderá definir-se URBANISMO e quais as suas influências (boas e más) na qualidade de vida?

Vou procurar responder duma maneira pouco ortodoxa. A explosão demográfica, consequência da aceleração industrial, a maior extensão de todo um complexo sistema de canais por onde se processa a circulação, o transporte de energia, a mobilidade de pessoas e mercadorias, a exploração, numa maior escala, dos recursos naturais provocando alterações importantes do meio biofísico, atingiram o «suporte», mais ou menos equilibrado e estável, em que se verificava a vida do homem. Ao mesmo tempo, a concentração nas cidades de populações com uma diferente maneira de viver e novas exigências de alojamento, espaço, trabalho, recreio e lazer fizeram surgir toda uma problemática só até então vagamente pressentida, e a necessidade do «planeamento». Este planeamento abrange a análise do meio físico, a programação das diferentes etapas para a obtenção de cada vez melhores índices de «qualidade de vida», a avaliação das possibilidades e potencialidades e, finalmente, a concepção dum ordenamento dos espaços até à sua pormenorização necessária para uma permanente intervenção e acção no desenvolvimento físico das cidades e das regiões. Este planeamento é o «Urbanismo».

O acto de urbanizar é positivo quando

(Continua na pág. 4)

NOTÍCIAS DA CÂMARA

Tendo chegado a esta Comissão Administrativa rumores de queixas sobre: aprovação de projectos e licenciamento de obras, vimos, por este meio, trazer ao conhecimento dos interessados as disposições legais que, ainda, regulam esta matéria e particularmente a competência da Câmara no assunto.

I) O Código Administrativo determina:

Artigo 51 — Para o desempenho das suas atribuições compete às Câmaras:

N.º 20 — Conceder licenças para a edificação, reedificação ou quaisquer obras em terrenos confinantes com ruas ou outros lugares públicos sujeitos à jurisdição municipal ou paroquial, e aprovar os respectivos projectos, fixando, quando necessário o alinhamento de acordo com o plano geral, dando cota de nível, e cedendo ou adquirindo por venda, compra ou troca, independentemente de hasta pública, os terrenos necessários ao alinhamento.

N.º 21 — Conceder licenças para habitação dos edifícios construídos, reconstruídos ou que tenham sofrido grande modificação, precedendo verificação da habitabilidade por peritos em construção e salubridade.

N.º 22 — Embargar quaisquer obras, construções ou edificações iniciadas pelos particulares sem licença, ou com inobservância das condições desta, dos regulamentos ou das posturas municipais.

II) O Regulamento Geral das Edificações Urbanas

Artigo 3.º — As Câmaras Municipais não poderão conceder licenças para a execução de quaisquer obras sem que previamente verifiquem que elas não colidem com o plano de urbanização geral ou parcial aprovado para o local ou que, em todo o caso, não prejudicam a estética urbana.

(Continua na página 4)

EM FOCO

UM BENEFÍCIO FUNDAMENTAL

A 18 de Agosto de 1973 preocupava-nos o problema duma ESTAÇÃO DE TRATAMENTOS DE ESGOTOS, através de uma entrevista dada pelo Dr. Fernando Sampaio e Castro. Afirmamos então: — estamos na presença de uma situação perante a qual as pessoas conscientes e responsáveis, não podem de forma alguma refugiar-se naquela posição, infelizmente tão característica do portuguêsinho, do deixar correr e não fazer ondas.

Das declarações do entrevistado destacamos pelo seu interesse o seguinte:

O tratamento dos esgotos sanitários, hoje, é considerado como um problema fundamental para a vida. Sabe-se que o aumento da densidade da população, nas vilas e cidades, conduz rapidamente à diminuição da saúde pública se os esgotos não forem tratados, mesmo que sejam lançados no mar.

Ao longo da orla marítima, nas regiões populosas, as águas do mar apresentam, nos locais onde não se depuram os esgotos, efeitos de poluição gravíssimos.

Segundo informações de carácter científico e estatístico os esgotos não tratados poluem as águas do mar com bactérias patogénicas, podendo ocasionar: otites; sinusites, laringites; furunculose e contendo, fundamentalmente, colibacilos. Isto independentemente da poluição que pode resultar dos esgotos industriais, que ocasionam, muitas vezes, envenenamentos.

O caso mais recente é o dos envenenamentos no Japão, ocasionados pela poluição das águas marítimas com esgotos fabris contendo mercúrio.

Consequentemente, jamais se pode considerar o mar como um receptor de esgotos; o mar só deve recebê-los depois de terem passado por uma Estação de Depuração.

Hoje, em Dezembro de 1974, apaz-nos registar a notícia dada pela nossa Câmara de que, em resposta ao pedido manifestado junto da Direcção dos Serviços de Saneamento, da construção de uma estação de tratamento de esgotos, foi informada de que poderia mandar elaborar imediatamente o respectivo projecto cujo estudo económico determinará a percentagem de participação que poderá atingir 90 por cento, se justificada.

Façamos votos para que o projecto se concretize rapidamente, de modo a contarmos num futuro próximo com um benefício de valor inestimável, neste tempo em que todos temos de nos consciencializar diante a ameaça enorme da poluição.

Tangos, filmes e outras histórias cinema e cultura


Até 25 de Abril passado o cinema que se via em Portugal estava ao serviço directo dos que determinavam que espécie de cultura seria permitida ao Povo Português, uma cultura afastada dos verdadeiros valores humanos, da defesa de ideias de liberdade, de paz, do entendimento e solidariedade entre os homens. Desejosos de impedir a transmissão destes valores, os governantes de então, que diziam defender uma cultura popular, punham a máscara da defesa dos interesses do povo, facilitando a exibição de filmes para «Distração depois de um dia de trabalho», mas que na verdade só tiravam às pessoas a consciência da sua situação de vítimas de uma política cultural que as prejudicava como cidadãos, e que tentava defender valores como a Guerra, o Espírito Imperialista e Colonialista, ou a «Felicidade» de viverem numa sociedade capitalista. Era o fascismo disfarçado de defensor dos interesses nacionais.

O Movimento das Forças Armadas foi feito por homens com clara consciência da situação do País. Esses homens sabiam bem que um dos factores que explicavam a aceitação silenciosa do regime fascista para muitos portugueses era a existência da censura, a qual impedia a divulgação de notícias, livros, revistas e a exibição de muitos filmes que poderiam vir ajudar as pessoas mais adormecidas a despertar para as verdadeiras realidades do seu país. Por isso, e como a ideologia fascista precisava de ser destruída o mais rapidamente possível, uma das primeiras tomadas de posição do M. F. A. foi a abolição da censura a todos os níveis. Com isto pretendia-se libertar as consciências dos portugueses e permitir o acesso a todas as manifestações de cultura que elevassem a consciência política, no sentido mais amplo, das pessoas. Que era isto que se pretendia provou-o o M. F. A. ao criar um serviço de dinamização cultural, encarregado de, sobretudo nos meios mais difíceis, abrir as pessoas para novos hábitos culturais, políticos, para novas formas de encararem a sua vida em sociedade.

«ÚLTIMO TANGO»

Mas se era isto que se pretendia com a abolição da censura, não foi exactamente isso que se conseguiu. O êxito de filmes como «Último Tango em Paris», é prova evidente que muitas forças se têm mexido para interpretar e aproveitar a abolição da censura à sua maneira. Na verdade, o que leva as pessoas atrás desse filme? Será a confiança que lhes inspira o nome do realizador? (Quantos dos que lêem isto sabem quem é o realizador, o homem responsável pelo filme?) Será que viram os outros filmes de Bertolucci e gostaram? («A Estratégia da Aranha», «O Conformista», por exemplo). Ou será, na verdade, que são vítimas de todo um passado de ignorância política e cultural que é agora explorado impunemente em proveito de uns quantos que enchem o saco à custa de muitos? De facto, o que é que justifica o êxito de um filme como «Último Tango» entre nós? Parece-nos que nada, a não ser duas ou três cenas dele, que vamos já examinar. O certo é que se esse filme pretende ser uma crítica de sociedades europeias decadentes, onde as razões para viver se encontram escondidas no fundo de copos de uísque, não é assim, supomos, que é compreendido pela maioria dos que o vêem. É assim, um filme que poderia ser um alerta contra os malefícios de sociedades aparentemente agradáveis, torna-se um instrumento de defesa dessas mesmas sociedades, as quais não podem ter nada que ver com o tipo de sociedade que interessa criar em Portugal. Mas se as pessoas não vão ao filme atraídas por aquilo

(Continua na página 5)

 <p>DEFESA DE ESPINHO</p>	<p>REDACÇÃO</p> <p>ARMENIO GOMES CARLOS PINHEIRO MORAIS JOÃO QUINTA</p>	
	<p>SEMANÁRIO</p>	<p>PROPRIEDADE</p> <p>EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.</p>
	<p>FUNDADOR</p> <p>BENJAMIM COSTA DIAS</p>	<p>COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO</p> <p>Officinas gráficas da CASA NUN'ALVARES Rua de Santa Catarina, 630 P O R T O</p>
	<p>ADMINISTRADOR E CHEFE DE REDACÇÃO</p> <p>ANTONIO GAIO</p>	

PORTA ABERTA

Tenho 16 anos e exerço a profissão de protésico dentário na rua 14. Moro no lugar da Tabuaça, minha terra natal. Vi o plano do centro da cidade de Espinho em má urbanização. Tenho lido a Defesa de Espinho sobre as construções que ali se estão a fazer e que se irão fazer, mas não aprovo essas ideias; o Casino, o Hotel de três estrelas, os parques subterrâneos de automóveis, os apartamentos turísticos e dois esporões a entrar pelo mar.

Para quê tudo isto, senhores engenheiros do Plano de Urbanização, se o mar está a avançar muito de ano

para ano? Para quê gastar tanto dinheiro nessas construções, se vão pôr dois esporões para o mar não avançar mas ele, não avançando exactamente, vai aprofundando e alacando de ano para ano a parte frontal entre os esporões?

O centro da cidade tem que mudar de local porque não há alternativa naquele lugar para ser um centro turístico.

Tenho uma ideia sobre o Plano de Urbanização de Espinho e posso dá-la a quem quiser ouvi-la.

Orlando Lima de Oliveira

M. J. T. (Movimento da Juventude Trabalhadora)

Ergue-se um punho, uma grilheta, uma espiga e uma chave de bocas. Ergue-se toda uma força do ventre do País, um coro de esperanças nascido na rumorosa resistência é o MOVIMENTO DA JUVENTUDE TRABALHADORA, que integra cerca de 20 mil jovens de um outro modo submetidos à exploração, participantes activos e suados na economia do País. Meio século de opressão não vergou a força sempre renovada, dos jovens portugueses. Desde os tempos do M. U. D. (MOVIMENTO DE UNIDADE DEMOCRÁTICA) juvenil, surgido no final da 2.ª guerra mundial, até aos preparativos das eleições para a Assembleia Nacional, de 1969, em 68 quando se constituiu o MOVIMENTO DA JUVENTUDE TRABALHADORA — M. J. T., polarizador unitário de forças antifascistas que viriam a forjar o espírito que presidiu ao M. F. A. (MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS).

A abertura do M. J. T. é imensa: «devem aderir todos os jovens trabalhadores de credos religiosos ou políticos», «impõe-se uma acção intensa em todos os locais de trabalho, etc., para alargar o M. J. T. a todas as cidades, vilas e aldeias do País, para criarmos uma potente organização para defesa dos nossos direitos e aspirações», «esmagando qualquer tentativa das forças fascistas da reconquista do governo».

JOVEM: não vai longe o tempo em que nós nos reuníamos às escondidas, em que nos levantávamos às primeiras horas da manhã para denunciarmos pelas ruas e às portas das fábricas o peso da opressão, as realidades de um País apodrecido, o nosso grito de luta. O tempo em que montávamos a nossa própria segurança para lavrarmos nos muros o grito dos nossos anseios.

Não vai longe o tempo em que atrás das máquinas da nossa fábrica, em cada canto que nos era concedido nas colectividades e diversos tipos de associações, nos intervalos das aulas e nos transportes passávamos de mão em mão o nosso apelo, esclarecíamos-nos e preparávamos-nos para duras e grandes batalhas.

O tempo em que em vez de liberdade, havia a prisão, a tortura e as opressões policiais. Em que, em vez de se preparar novos valores culturais e humanos, se encarceravam imaginações, se treinavam cães-polícias e homens para matar. O tempo em que ameaçados pelos chefes e muitas vezes despedidos, lutar pela liberdade e falar em democracia era um crime brutalmente reprimido. A custa dos sacrifícios da juventude e do suor de todo o povo mantinham-se guerras criminosas, sustentava-se um exército de Pídes e bandos de gorilas e legionários para nos intimidar e oprimir.

Sete meses passados, depois da acção patriótica do M. F. A. em aliança com a juventude e o povo, todas essas barreiras opressoras foram radicalmente destruídas. Ao longo destes sete meses grandes vitórias se conseguiram e reais perspectivas se abrem para novos passos da jovem democracia, para alargarmos o nosso Movimento, conseguirmos ver resolvidos muitos dos nossos problemas e ver realizadas muitas das nossas aspirações.

«Jovem trabalhador» o jornal do M. J. T. reflecte nas suas páginas de porta-voz legítimo, os nossos problemas mais prementes, os nossos justos anseios e aspirações, a nossa participação activa em todos os sectores da vida Nacional, e vem contribuir de forma decisiva para dar a conhecer o M. J. T. às mais amplas camadas da Juventude Trabalhadora.

Manuel Alberto A. Capela

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

Rua 19, 364-1.º — ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt. — Tel. 402219

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada

Vende-se

TALHÃO TERRENO

Zona Industrial

Estrada do Golfe ESPINHO

Falar ao Telefone 921422

Menina

Oferece-se com o 5.º ano do liceu para emprego compatível

Informa telef. 920182

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º

Telefone 33868 — PORTO

Os CTT em Espinho em franco progresso

A Estação dos Correios da cidade de Espinho agora sob nova direcção, acaba de dar mostras que está disposta a colaborar no progresso cidadão, ao instalar marcos do correio em vários locais que desde há muitos anos vinham a reclamar esse direito.

Bravo sr. Chefe. Já vai sendo tempo de mandar retirar as caixinhas instaladas nas paredes dos prédios, por inestéticas e saloias, para dar lugar nesses mesmos locais a marcos que chamem mais a atenção do transeuntes, sem que estes tenham necessidade de andar a perguntar onde poderão depositar a correspondência.

As caixinhas dão a triste impressão que se está a solicitar uma esmola para alguém.

Cremos entretanto que a distribuição dos marcos não está ainda correcta, pois o sector sul ainda não foi cabalmente beneficiado com esta

regalia, mas esperamos confiadamente que em breve o venha a ser.

Entretanto no capítulo de comunicações telefónicas, Espinho continua a estar seriamente prejudicado, pois apenas em dois locais existem cabines públicas, quando seria de desejar que de norte a sul, fossem instaladas algumas outras cabines para beneficiar o público numeroso não possuidor desse meio de comunicação no seu domicílio.

Para este facto chama-se a atenção de quem de direito, a fim de que os TLP venham a dotar Espinho de mais quatro ou cinco cabines públicas nos locais mais populosos.

Cremos que deve competir à Comissão Administrativa da Câmara Municipal intervir no sentido de melhorar este meio comunicativo, uma vez que a Central Telefónica de Espinho agora comporta um maior número de linhas.

VIDA REGIONAL

Anta

OS NOSSOS BURACOS

Já de Outubro se foram as flores, os aromas, as folhas, o sol ameno, as noites cálidas, os últimos veraneantes e já no mesmo trono se sentam as primeiras chuvas, os primeiros arremessos de frio, os primeiros pingos no nariz, as primeiras noites com aquecimento a funcionar (quem o tenha), as primeiras contas a saldar das últimas férias (quem as aproveitou a veranear) e os primeiros contactos com as realidades políticas.

Partindo das primeiras chuvas vamos agradecer a sua vinda em primeiro lugar, e, em segundo, olhar para além do benefício que colhemos com a sua companhia.

A natureza renova-se todos os anos. Nela tudo se transforma, nada morre. Não precisamos de receber aviso das suas estações, porque já as aprendemos na escola primária. Sabemos que há necessidade de anualmente limparmos as valetas, permitindo a rápida viagem das águas pluviais.

Pois sabendo isso a JAE ordena que se limpem as valetas das vias de sua jurisdição, a fim de evitar o entancamento de águas. Temos então o cantoneiro na estrada que liga Espinho ao Picóto, limpando as bermas, abrindo as valetas atulhadas de lixo deixando o amontoado conforme vai prosseguindo o seu trabalho.

Até aqui não duvidamos que tudo está de acordo com as necessidades do período invernos, isto focando somente o problema da JAE.

Depois disto a complicação não se faz tardar.

Ora vejamos.

Iniciando um passeio matinal no largo do nosso Souto, seguindo para o Pi-

côto se o tempo permitir, não demoramos a notar os tais montinhos de lixo deixados pelo senhor cantoneiro. De um monte de lixo ao outro ficam espaços que as águas ocuparão imediatamente. A vegetação já começa a tomar de assalto todos os montes deixados no pavimento asfaltado, descuidadamente, aguardando certamente a vinda do carro que transporte toda aquela entulheira para local próprio.

Eu não fui além da nossa Associação de Socorros Mútuos, porque mesmo de frente vi uma porta aberta que dava acesso a um quarto, onde uma senhora limpava a água, que lhe teria entrado pela soleira, vinda da rua. Durante aquela semana choveu bastante, ocasionando o entancamento de água nos espaços compreendidos entre os tais montes de lixo. Não há dúvida que nesta casa a amargura só não existe quando não chove.

Tanto se fala de limpeza, de poluição, e deixamos então que a senhora Junta Autónoma das Estradas nos faça destes presentes, numa estrada que é o coração da nossa Freguesia?

Estamos muito mal. Andamos com os olhos virados para o céu de onde não vêm mãos para proceder à limpeza que se impõe, nem maná que cure tal incuria.

Já perguntamos à senhora se ela se sente bem com aquela invasão de água imprópria para lavar o soalho do seu quarto?

E já oficiamos à JAE para remover sem delongas toda aquela lixeira?

Oxalá as atitudes tenham sido tomadas por quem as deve tomar.

15.12.74

ERRO

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Desde a passada segunda-feira as Juntas de Freguesia do concelho têm registado desusado movimento mercê do recenseamento eleitoral. Correspondendo inteiramente às solicitações do Governo Provisório e demonstrando plena consciência dos seus deveres cívicos, os espinhenses têm ocorrido em massa a proceder às suas inscrições e a colher os esclarecimentos que a elas conduzam. Bom será que todos, a tempo e sem atropelos, cumpram a sua obrigação de cidadãos, não deixando para a última hora o seu recenseamento.

ACTIVIDADES POLÍTICAS

Conforme anunciamos no nosso número anterior, realizou-se em Guetim, no passado sábado uma sessão de esclarecimento político promovida pela Comissão Concelhia de Espinho do P. C. P. Quarto membros desta Comissão, entre os quais uma senhora, presidiram a esta reunião que fez encher duas salas da Escola Primária daquela freguesia. Depois de ter feito uma exposição da luta e objectivos do Partido, o Prof. Teixeira Lopes incitou a assistência a pedir todos os esclarecimentos que desejasse. Muitas e variadas foram as perguntas formuladas, a que aquele professor deu a devida resposta, ilustrando os seus esclarecimentos com diversos exemplos práticos.

PASSAGEM DE ANO

Os dois principais clubes desportivos da cidade, com vista à angariação de receitas, organizam na última noite do ano dois bailes de S. Silvestre. O do Sporting de Espinho, promovido pela sua Secção de Voleibol, decorrerá no salão principal do Casino. O da A. A. E. realiza-se no salão maior da Piscina.

O NOSSO CAFÉ

Sociedade Cooperativa Cafeeira dos Cem, S. C. A. R. L.

CONVOCATORIA

Nos termos da Lei e do artigo 33.º dos Estatutos, são convocados os senhores Accionistas da Sociedade Cooperativa Cafeeira dos Cem, S. C. A. R. L., para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, a realizar na sua sede social, sita na Rua Oito n.º 603, desta cidade de Espinho, no dia 28 de Dezembro de 1974, pelas 21 horas, com a seguinte

ORDEM DA NOITE

- 1.º — Meia hora para discutir qualquer assunto que interesse à Sociedade.
- 2.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio 1975/76.

No caso de a Assembleia não poder funcionar à hora indicada por falta de número suficiente de Accionistas reunirá uma hora depois, no mesmo local, com qualquer número de Accionistas.

O Presidente da Assembleia Geral
Carlos Vieira Pinto Júnior

Perdeu-se

Carteira de Senhora com cerca de 300\$00, e óculos graduados Gratifica-se quem entregar na redacção da Defesa de Espinho

PROBLEMAS ESCOLARES

No passado dia 5 uma representação de pais de alunos e professores da chamada Escola da Tourada avistaram-se nos Paços do Concelho com os responsáveis actuais pela administração municipal. O professor que chefiava esta representação fez uma exposição detalhada das reparações que aquele edifício escolar necessita e salientou a urgência em conseguir mais duas salas, já que as existentes são incapazes de responder cabalmente ao número de alunos matriculados. No diálogo travado, ficou esclarecido até onde vai a competência da Câmara, cuja Comissão Administrativa declarou ir estudar as soluções dos problemas tratados e submetê-los ao Ministério da Educação e Cultura na parte que seja de responsabilidade deste departamento governamental.

FESTAS DE NATAL

Como tem acontecido em anos anteriores, realiza-se na próxima 5.ª-feira, 19, no salão do Casino, a Festa de Natal dos alunos da secção infantil da Academia de Música de Espinho, em que haverá canções de Natal e jogos recreativos.

DO HOSPITAL

Movimento de 3-12-74 a 10-12-74

Internamentos Gerais	54
Exames Radiográficos	147
Crianças Nascidas	19

Intervenções Cirúrgicas

Otorrino	15
Obstetrícia	3
Oftalmologia	1
Ortopedia	1
Cirurgia Geral	15

Serviço de Urgência

Homens	240
Mulheres	213

Internados entre outros:

Serafim Dias Pacheco, Cirurgia, de Esmoriz;
Raquel Oliveira Fardilha de Sousa, Obstetrícia, de Silvalde;
Maria de Fátima Rocha Abreu, Obstetrícia, de S. Paio de Oleiros.
Margarida Silva Tavares, Cirurgia, de Argoncilhe.

Declaração

A mãe de Rosa Maria Tavares Maganinho, residente em Espinho, declara que não se responsabiliza por qualquer dívida ou acto praticado por sua filha.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.
Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes
Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.
Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)
Telefone de urgência 922329
Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

DIPLOMAS DE LÍNGUA FRANCESA

Quatorze alunos que frequentaram a Academia de Música de Espinho no passado ano lectivo 1973-74, terminaram o Curso Superior de Língua Francesa, com pleno aproveitamento. Por tal motivo o Instituto Francês do Porto outorgou a todos o respectivo diploma. Eis os nomes dos aplicados e bem sucedidos estudantes: Eugénia Palmira Coelho da Fonte e Silva, Clara Bandeira Pessanha de Melo e Meneses e Castro, Maria de Fátima Braga Celestino Coelho, Isabel Maria Oliveira Mendes, António Eduardo Barros Ruano, Rui Luís de Sousa Vingada, José Artur Baptista Madureira Serrano, Maria de Lourdes Alves Pereira, Maria Odete Correia Coelho, Edite Alves Moreira de Sousa, Ema de Abreu Freire e Pinho, Fernando Manuel Costa e Silva, Maria Madalena Pinto Ferreira e Gisela da Silva Neves.

JURAMENTO DE BANDEIRA

Na próxima quinta-feira, 19, os soldados recrutas da 4.ª incorporação do ano corrente do G. A. C. A. 3, aquartelado em Espinho, vão ter o seu Juramento de Bandeira. Após a alvorada festiva, pelas 7 horas, será hasteada a bandeira nacional pelas 9 horas. Feita a formatura geral às 10,30 horas, proceder-se-á à leitura dos deveres militares, a que se seguirá uma alocução alusiva ao acto, precedendo o Juramento de Bandeira. A cerimónia encerra-se com um desfile da Unidade.



MISSA DO 7.º ANIVERSARIO

do falecimento de

ALBERTINA ENCARNAÇÃO LOPES FONTES

Mais uma vez sufragando a alma de sua querida e sempre lembrada filha, seus inconsoláveis pais e irmão, mandam celebrar missa, na próxima 6.ª-feira, dia 20, na Igreja Paroquial de Silvalde pelas 18 horas, agradecendo desde já muito reconhecidos a todas as pessoas das suas relações e amizade que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Precisa-se

Mulher de meia idade, interna, para tratar de senhora idosa
Falar na Rua 19 n.º 247
ESPINHO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

5.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.
Amanhã domingo — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;
Segunda-feira, — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920092;
Terça-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;
Quarta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352;
Quinta-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;
Sexta-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 14 — ZAMBO, O SENHOR DA SELVA, com Brad Harris e Gisela Hahan — Para todos.
Amanhã, domingo, 15 — OS DOIS INDOMÁVEIS, com David Bradley — 14 anos.

Terça-feira, 17 — A VINGANÇA DO DRAGÃO NEGRO, com Chin Han e Wang Ping — 18 anos.

Quinta-feira, 19 — A TÚNICA, com Richard Burton e Jean Simmons — 10 anos
Sexta-feira, 20 — AQUELE APARTAMENTO, com Joanna Shimkus e Mel Ferrer — 18 anos.

CASAMENTOS

Em ESPINHO:

João Jorge da Silva Carapeto com D. Rosa Maria Sobral do Couto;
António Isaac de Oliveira Andrade com D. Odília Pereira dos Santos;
José Ribeiro de Sá com D. Francisca de Oliveira Sousa.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

João Eduardo, filho de António Augusto Fonseca Cavadas e de D. Marina Ramos da Silva Cavadas;
Cláudia Maria, filha de Vladimiro Aurélio Silva Fortuna e de D. Maria José da Silva Lopes Correia Fortuna;
Sónia, filha de Alberto Fernandes Tavares Moreira e de D. Zulmira Tavares Ferreira Moreira.

FALECIMENTOS

D. PALMIRA ALICE CARDOSO

No passado dia 8, faleceu nesta cidade a sra. D. Palmira Alice Cardoso, mãe das sras. D. Elvira Cardoso Quinta, D. Laurentina Barbosa Cardoso, e dos srs. Artur e Hermínio de Almeida Cardoso, avó das senhorinhas Palmira e Maria José Cardoso Quinta, Maria Irene Nunes Cardoso e dos srs. Hernâni Cardoso Quinta, Artur, Jorge, Henrique Cardoso Quinta e António e Henrique Nunes Cardoso.

O funeral teve lugar no dia seguinte da Igreja Matriz para o cemitério municipal.

JOÃO FERREIRA DE RESENDE

Também no dia 8 faleceu nesta cidade o sr. João Ferreira de Resende de 88 anos de idade, casado com a sra. D. Dejanira Coelho Resende, pai das sras. D. Idalina, D. Leonilde e D. Fernanda Coelho de Resende, e de Elísio e Fernando Coelho de Resende.

O funeral teve lugar no dia seguinte da Igreja Matriz para o cemitério municipal.

D. ROSA ALVES DE OLIVEIRA

No dia 9 do corrente, faleceu em Espinho a sra. D. Rosa Alves de Oliveira, de 71 anos de idade, mãe do sr. António Alves de Oliveira (ausente no Brasil) e tia do sr. Fernando Aguas e da sra. D. Virgínia Cadinha.

O funeral teve lugar no dia seguinte da sua residência à Igreja Matriz e daí ao cemitério municipal.

As famílias enlutadas endereçamos as nossas sentidas condolências.

NOTÍCIAS DA CÂMARA

(Conclusão da 1.ª pág.)

§ único. A concessão de licença para a execução de quaisquer obras será sempre condicionada à observância das demais prescrições do presente regulamento, dos regulamentos municipais em vigor e bem assim de quaisquer outras disposições legais cuja aplicação incumba à administração municipal assegurar.

Artigo 3.º — É permitido às Câmaras Municipais recusar licenças para novas construções em zonas sujeitas a plano de urbanização e expansão enquanto nelas não existam arruamentos e redes públicas de água e de saneamento. (Aditado pelo Decreto-Lei n.º 45.027, de 13 de Maio de 1963).

III) Decreto-Lei n.º 166/70:

Artigo 6.º 1. Os técnicos responsáveis pelos projectos das obras juntarão sempre declaração de que neles se observaram as normas técnicas gerais e específicas de construção, bem como as disposições regulamentares aplicáveis, designadamente sobre fundações, paredes, pavimentos e coberturas, comunicações verticais, dimensão mínima dos aposentos, iluminação, arejamento, abastecimento de água, instalações eléctricas, sanitárias e esgotos.

2 Quando se verificar que o projecto da obra contraria normas técnicas ou disposições regulamentares, poderá a Câmara Municipal ou, nos concelhos a que se refere a alínea a) do n.º 1 do artigo 3.º (concelhos de Lisboa e Porto e nos concelhos de 1.ª ordem), o presidente da câmara determinar que o seu autor fique inibido de apresentar novos projectos no concelho por período de sessenta dias até dois anos, conforme a gravidade dos erros ou infracções.

Artigo 10.º — O exame dos projectos de obras nas câmaras municipais incidirá especialmente sobre o aspecto exterior dos edifícios, inserção no ambiente urbano, cêrcea respectiva e sua conformidade com o plano ou antepiano de urbanização e respectivo regulamento.

2. Quando a altura dos edifícios não esteja fixada em regulamento de plano ou antepiano de urbanização ou em licença de loteamento, será observado o disposto no Regulamento Geral das Edificações Urbanas.

Artigo 11.º — Deverá facultar-se a consulta do processo pelos interessados, quer durante a sua instrução, para que possam prestar esclarecimentos complementares, quer após a resolução final, quando o pedido não obtenha deferimento.

Artigo 15.º 1. A Câmara Municipal só poderá indeferir os pedidos de licenciamento ou de aprovação de projectos com qualquer dos seguintes fundamentos:

- Inconformidade com o plano ou antepiano, geral ou parcial, de urbanização e expansão ou o respectivo regulamento;
- Falta de arruamentos e redes públicas de água e saneamento em zonas sujeitas a plano de urbanização e expansão, quando se trate de novas edificações;
- Falta de licença de loteamento ou incorformidade com o condicionamento da mesma licença em áreas que a ela estejam sujeitas;
- Desrespeito por quaisquer normas legais ou regulamentares relativas à construção;
- Trabalhos susceptíveis de manifestamente afectarem a estética das povoações ou a beleza das paisagens;
- Alteração em construções ou elementos naturais classificadas como valores concelhios, quando deles possam resultar prejuízos para esses valores.

Artigo 16.º 1. As resoluções que envolvam indeferimento ou condicionamento por motivos a que se referem as alíneas e) e f) do n.º 1 do artigo anterior serão sempre fundamentadas em parecer da comissão municipal de arte e arqueologia e delas cabe recurso para o Ministro da Educação Nacional, a interpor, através da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, no prazo de trinta dias após a notificação.

Artigo 19.º — Independentemente da faculdade de embargar obras conferidas por lei a entidades estaduais, deverão ser embargadas pela Câmara Municipal as obras executadas sem licença, sempre que a ela estejam sujeitas, bem como as que forem executadas com violação das normas ou disposições a que alude o n.º 1 do artigo 6.

Decreto-Lei n.º 278/71, de 23 de Junho

Artigo 1.º 1. Podem deixar de ser demolidas e ficam sujeitas a expropriação por utilidade pública as edificações construídas sem prévia licença das câmaras municipais, se forem julgadas necessárias para a resolução do problema da habitação e quando se reconheça que são susceptíveis de adquirir as condições mínimas de habitabilidade exigíveis.

URBANISMO — UM PROBLEMA DE TODOS

(Continuação da Pág. 1)

serve os interesses materiais, sociais, económicos e culturais duma comunidade; portanto, quando tem em vista a dignificação e valorização do Homem.

O acto de urbanizar é negativo quando retoma uma maneira de conseguir lucros fáceis e rápidos através da especulação com o solo e da deficiente estrutura da sociedade. Surgem, então, por um lado, carências de aspectos essenciais a uma vida urbana sã e, por outro, luxuosos blocos destinados exclusivamente a uma pequena minoria da população.

A «qualidade de vida» a atingir em cada fase do desenvolvimento é consequência do equilíbrio, em cada momento, das parcelas correspondentes a: possibilidade de aquisição de bens materiais — possibilidade de uso de bens culturais e sociais — ambiente biofísico adequado ao desenvolvimento do Homem. Não podemos pensar em desenvolver apenas uma ou duas parcelas.

«A INADEQUAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES RESULTA DA ESPECULAÇÃO COM O SOLO»

A que deve atribuir-se a inadequação das características da grande maioria das construções à vida de família e à habitação em si?

A actual inadequação das construções à vida de família e ao «habitar» resulta do que atrás se disse sobre especulação — lado negativo do urbanismo. Devo no entanto salientar, desde já, que «habitar» transcende, hoje, a simples noção de alojamento. Há que esperar que a cidade forneça ao habitante não só a «casa» que precisa para uma autêntica vida familiar, íntima e privada, mas também, as possibilidades de convívio e comunhão, os espaços — contíguos à «casa» — de recreio e indispensáveis à humanização do quadro em que se vive, e aqueles que integrados na cidade, — «pulmões» e corredores de Natureza — são factores de unidade. Também «valores» e «cenas» afastadas da residência fazem hoje parte da vida urbana, tais como os parques na-

turais, as reservas de Natureza e paisagem que devem ser objecto de uso conspiciente. O Homem está intimamente ligado ao território em que vive, dele se deverá enamorar e tirar o maior número de benefícios.

«HABITAR TRANSCENDE A SIMPLES NOÇÃO DE ALOJAMENTO».

Qual o seu conceito de casa num contexto económico-social?

Casa, no seu mais lato significado, é o lugar onde se está ligado por aí se viver. É constituído pelo alojamento, pelos espaços verdes próximos, pelo equipamento da cidade, pelos parques e jardins da cidade, pelos passeios possíveis, pelas possibilidades de convívio e comunhão, etc. Construir «casas-alojamento» só por si não chega. Há que construir a cidade e a sua expressão integral que inclui o seu território.

O mecanismo de aprovação de projectos, o seu regime legal, as disparidades que se observam e a razão de como, por todo o lado, se multiplicam construções que constituem autênticos atentados à saúde e às mais elementares regras urbanísticas. Que se lhe ofereça dizer sobre o assunto?

Há um complexo de leis que daria para controlar todos os casos, mas a sua aplicação é difícil e o especulador acaba sempre por vencer as barreiras e ou construir o «dormitório», o «bairro luxuoso» ou a fábrica no vale, no lugar perigoso e indevido.

Quais deverão ser as coordenadas de uma política de urbanismo e habitação que faculte o enquadramento do Homem na «Cidade Nova».

As coordenadas estão apontadas: construir a cidade para o Homem na plenitude da sua dignidade e possibilidades humanas de trabalho e desenvolvimento social, económico e cultural.

JOAQUIM COUTO



DINHEIRO AFERROLHADO É MAL EMPREGADO!

Deixe-o participar connosco no progresso comum.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

José Luís F. Barbosa
MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11.877

ESPINHO

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO
Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335

ESPINHO

A "Defesa" precisa de mais assinantes

O LADO CÓMICO... UM SENHOR CHAMADO BEM INSTALADO

O Senhor Bem Instalado, presidente do conselho de administração de vinte companhias e candidato, por morte, a uma página inteira de jornal com convites para o funeral pomposo e cruzinhas, afundou-se na poltrona de couro e preparou-se para ler a correspondência. Entre jornais e convites havia um monte de cartas, todas elas dirigidas ao presidente do conselho de administração de cada uma das companhias que o Senhor Bem Instalado administrava eficientemente.

Era costume do Senhor Bem Instalado vir acabar a tarde ao clube, onde o seu zeloso secretário particular lhe trazia a correspondência recolhida pelas vinte companhias de que o Senhor Bem Instalado era muito digno e dinâmico presidente do conselho de administração. Hoje era um dia igual a tantos outros e o Senhor Bem Instalado, depois de solvidos todos os seus compromissos profissionais e particulares, ia ler o correio, enquanto aguardava o JB encomendado.

Abriu a primeira carta. Numa caligrafia redonda e pacientemente desenhada, um pai de cinco filhos, desempregado há cerca de quatro meses, vinha solicitar um lugar compatível com as suas habilitações, etc., etc.

O Senhor Bem Instalado encolheu os ombros e pôs de lado a carta, abrindo a segunda. As primeiras linhas fizeram-lhe uma ruga de es-

panto na testa larga e bem desenhada e ele foi buscar a primeira carta, comparando-a com esta que acabara de abrir.

Iguais. Duas cartas iguais, assinadas pelo mesmo indivíduo, diferentes somente no cabeçalho!

Assaltou-o um pressentimento e abriu a terceira carta. O mesmo palavrado, a mesma choraminguice, a mesma assinatura, mas um destinatário distinto. E assim por diante, até chegar à última carta — tantas quantas as companhias de que o Senhor Bem Instalado era muito digno e dinâmico presidente do conselho de administração.

Sentiu baterem-lhe num ombro. Olhou para trás. Um velho amigo, parceiro habitual das noitadas do «bridge» e de outras noitadas, sorria-lhe, apontando as cartas abertas.

— Você não pára, homem!... Sempre a trabalhar!...

— Veja lá você!... Um tipo qualquer, um borra-botas que eu não conheço de lado nenhum, resolve chatear-me para eu lhe arranjar um lugar...

E, num trejeito indignado:

— E, como não lhe chegasse um emprego, vá de escrever para as minhas companhias!... Se calhar para depois poder escolher à vontade... Ao que chega o desplante destes fulanos!...

ROBINSON JOSUÉ
(do «Sempre Fixe»)

Tangos, filmes... e outras histórias-cinema e cultura

(Conclusão da 1.ª pág.)

que ele lhes possa ensinar como visão do mundo, então só se forem por causa das tais duas ou três cenas. E é isso que se tem de concluir, tanto mais que é nessas cenas que se apoia a campanha publicitária em volta do filme. Ao pensarem que aquilo é pornografia as pessoas são irresistivelmente atraídas para o fruto proibido. E continuam vítimas da sua ignorância pois ninguém está interessado em lhes dar uma educação sexual que lhes permita distinguir pornografia de erotismo.

«A pornografia ainda não chegou. Nos cinemas passam filmes de temática sexual, e Lisboa pôde ver algumas das obras mais importantes dos últimos anos, que por abordarem através da sexualidade uma realidade social mais profunda, nos estavam vedadas por uma censura hipócrita. Claro está que à mistura está todo um estendal de películas incipientes e condenáveis» (1). Mas o que interessa é que o espectador deixe os 15 paus na bilheteira, mesmo que seja enganado, mesmo que continue tão ignorante como antes.

OPORTUNISMO

E aqui entramos noutra ponta. Conforme afirma a Comissão de classificação de espectáculos cinematográficos, em texto distribuído aos jornais. «Para dar cumprimento ao Programa do M. F. A., foram abolidos em Portugal a censura e o exame prévio, que, evidentemente, também o foram para os espectáculos cinematográficos. A natureza e a qualidade dos filmes a serem apresentados ao público português ficam, pois, exclusivamente dependentes do critério dos distribuidores que manifestaram logo após o 25 de Abril, e menos não seria de esperar, a vontade de se integrarem no processo revolucionário que então iniciou o seu curso. E, nesse sentido, os distribuidores e exibidores evitariam propor para visionamento filmes que de qualquer modo pudessem veicular a agressão ideológica ou pudessem ser utilizados pelos meios mais reaccionários em manobras contra o Programa do M. F. A. que o mesmo é dizer a Democracia e o Povo. Ficou, pois, confiada ao critério da distribuição e exibição comercial a apreciação da qualidade técnica, do valor artístico, da oportunidade de apresentação e de tudo o mais que respeita ao cinema comercial no nosso país». (2).

E o que fizeram as empresas cinematográficas? Ao lado de alguns bons filmes, que a maior parte das vezes se ficam por

Lisboa e em cinemas para bons burgueses e intelectuais, inundaram o mercado de porcarias profundamente deseducativas e até perigosas para a Democracia que se deseja construir. Isto é prova do perigo que existe em deixar um meio difusor de cultura, como é o cinema, entregue às mãos ávidas e inconscientes das empresas capitalistas de exploração do mercado cinematográfico, para quem só conta o lucro. Senão vejamos mais um extracto do documento já citado da Comissão de classificação: «A comissão está na situação ímpar de poder referir-se a cerca de 400 filmes que, desde Maio, lhe foram apresentados com vista ao mercado português. O primeiro facto a ter em conta é que: apenas uns 10 por cento poderão ser considerados positivos em termos de qualidade socio-cultural; cerca de 25 por cento nada acrescentam ou retiram ao comportamento socio-cultural dos espectadores; mas os restantes 65 por cento poderão considerar-se perniciosos, quer porque transmitem de forma aliciante imagens de sociedades decadentes que nada interessa tomar como modelo, quer porque se inserem num tipo de cinema comercial sensacionalista, sendo certo que pelo menos 50 destes últimos podem ser considerados altamente lesivos na medida em que apontam sistematicamente para a violência como forma única de resolução de conflitos, ou explorando preferentemente comportamentos primários de todo condenáveis em termos de relação humana, não podem deixar de provocar ou confirmar graves deformações na informação e nos conceitos de vida do público espectador» (2). E basta analisar o programa deste mês do Cinema S. Pedro para confirmar de facto qual é a política das distribuidoras cinematográficas. Em 20 filmes 12 são para maiores de 18 anos e pelos títulos apresentados os filmes ou são espectáculos de violência ou de exploração sexual, como se pode ver pela forma como são apresentados no programa deste mês.

CONCLUSÃO

Que fazer perante tudo isto? «Na formação do povo está o extintor, o crítico e o ser completo e consciencializado que prescindirá desses produtos... Mais há a considerar: O período eleitoral aproxima-se. Pense-se no partido que a reacção vai tirar deste desfasamento em que o povo desprotegido vai caindo, quando essa mesma reacção nada faz para impedir a difusão dessas obras; e aproveite-se para deitar uma olhadela à utilização que certa im-

ECOS DO NOSSO TEMPO

Delírios cianescos

Numa semana contada por inteiro o «nimas» da terra encheu, ele foi Revista (a mais despida de sempre), ele foi cinema «com cenas eventualmente chocantes», «em versão integral», enfim, por tudo, vem mesmo a jeito este escrito do jornal o «RAIO».

Decorria a segunda Grande Guerra. Cia tinha um problema: como vencer Adolfo Hitler.

Reuniram-se os chefes da Cia.

Discutiram longamente o problema.

Como todos os nazi-fascistas Hitler delirava com a pornografia.

Todos os agentes da Cia foram mobilizados para coleccionar fotografias pornográficas.

Juntaram a maior colecção do mundo desse ano.

Ao vê-la alguns agentes da Cia, claro, deliraram também.

Pôs-se um problema: como entregar a Hitler essas fotografias?

Não tiveram solução estas dificuldades.

A Cia guardou o projecto para qualquer oportunidade que lhe aparecesse de destruir uma sociedade.

Destruir é o grande objectivo da Cia.

Destruir alienando os homens subjugados aos vícios fascistas.

Destruir a economia dos países que procuram tornarem-se independentes do jugo neo-fascista.

Destruir as possibilidades de ordem pública e democrática nos países menos dispostos a alinhar com o imperialismo norte-americano.

Destruição é a palavra de ordem da Cia.

Porcura-se destruir Portugal inundando de filmes pornográficos, limitando as possibilidades económicas do país, provocando o desemprego e o caos, a desordem e as manifestações violentas.

No momento em que embaixadores itinerantes portugueses procuram apoio no mundo para a recém-nascida democracia portuguesa os principais cinemas do país exibem filmes pornográficos, os bancos restringem o crédito, grupos irresponsáveis (?) destroem instalações de partidos políticos e provocam perturbações na ordem pública.

Os políticos mais ingénuos começam a desconfiar que todas estas anormalidades possam ter como causa a pouca ingénua acção da Cia.

Entretanto em Portugal, país despolidizado por dezenas de anos de regime antidemocrático, os jovens (não na idade mas na experiência) democratas lusitanos fazem-nos lembrar, pela sua imponderação e inconsciência, uma anedota dos nossos tempos de juventude.

A rapariga, pseudo-intelectual, perguntava ao rapaz, visivelmente interessada: «Que mais aprecias na mulher: a beleza ou a inteligência?»

«Nem uma coisa nem a outra. Tu sabes que eu gosto de ti», respondeu o rapaz.

Estes democratas que amam a democracia, sem ser pelo progresso ou pela justiça que tal regime possa trazer ao País, que gostam da democracia unicamente «porque trizer», ingénuos e inconsequentes, ficam paralisados perante a acção inteligentemente comandada do exterior para destruir as possibilidades democráticas em Portugal.

Devemos rir-nos deles?

Não!

Temos que esclarecê-los.

Já não somos ingénuos.

Não acreditamos que a invasão de pornografia, a destruição dos créditos, a provocação dos desempregos e as alterações à ordem democrática sejam um resultado de jovens ingénuos, mas sim a manipulação de irresponsáveis que se sujeitam, porque comandados do exterior, a tentar destruir a obra histórica do M. F. A. e do Povo Português a partir do 25 de Abril.

Denunciamos estas atitudes.

Temos sido muito acusados de denúncias públicas.

Perante o que está a acontecer não podemos deixar de continuar a esclarecer os poucos leitores ingénuos que possivelmente haja do nosso Jornal sobre os crimes de lesa-Pátria de que tenhamos conhecimento.

Somos Portugueses e, como tais, Patriotas.

Destruir a democracia é destruir o Povo.

Somos pelo Povo.

José Craveiro de Sousa

prensa regional vai processando à custa do caso.

Só uma cultura generalizada, a criação de interesses verdadeiros que tornem os homens solidários e integralmente livres abolirão definitivamente os males, os falsos impulsos estimulados por «industriais» sugadores que exploram o homem através da escravização da sua personalidade» (1).

(1) Lourenço Antunes, «República», 13-11-1974.

(2) «A Comissão de Classificação Etária de Espectáculos informa o público espectador» — «República», 13-11-1974.

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações
BOM GOSTO E SIMPATIA
 ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS
OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS
 RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de
VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lirio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
 COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
 Telef. 380834 · 311991 · 381032
 PORTO



TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

SURDEZ

A AUDIÇÃO FAZ FALTA A TODOS

Volte a ouvir normalmente com um moderno aparelho do CENTRO AUDITIVO
 ESTE NATAL É O SEU NATAL

Consulte o técnico do CENTRO AUDITIVO para uma experiência grátis, que
 se encontrará Quinta-feira, 19 de Dezembro em:

VILA DA FEIRA	FARMACIA ARAUJO	— das 14,00 às 15,00
ESPINHO	FARMACIA TEIXEIRA	— das 15,00 às 16,00
OVAR	FARMACIA LAMY	— das 16,00 às 17,00

Concedemos facilidades de pagamento — Fornecemos aparelhos através das
 Caixas de Previdência e A. D. S. E.

Pilhas com grande duração para todos os aparelhos e de qualquer marca
 Ser cliente do CENTRO AUDITIVO beneficiará sempre do avanço técnico dos
 nossos aparelhos e de ser assistido por técnicos especializados em prótese auditiva

Rua da Prata, 227-1.º — Telef. 325282 — 362105

Direcção Técnica com 26 anos de especialidade

Movimento Democrático Português

O partido MDP / CDE em doze pontos:

1. O programa do Movimento Democrático Português é o programa da acção do povo que estabelece e cria o Estado amplamente democrático, aliado com o MFA (Movimento das Forças Armadas).
2. Lado a lado com o MFA queremos construir a organização e a unidade popular e concluir o desmantelamento do aparelho fascista.
3. Para criar e consolidar um estado amplamente democrático, consideramos indispensável avançar na aplicação de medidas económicas, políticas e sociais que garantam o desenvolvimento e uma mais justa repartição da riqueza, a segurança social e o bem-estar e saúde populares, a independência do país, a prosperidade geral e o futuro da democracia.
4. Queremos o Estado da liberdade e do direito ao serviço do povo, a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, na teoria e na prática.
5. Queremos dar prioridade à democracia económica para ser possível a democracia política e social.
6. Queremos a democratização permanente da Sociedade portuguesa através da constante participação popular e o prosseguimento da descolonização externa e interna, corrigindo diferenças regionais.
7. Propomos a realização do inventário e planeamento económico do consumo para planear a produção distrital e nacional, controlando progressivamente e por etapas os meios de produção, actualmente nas mãos dos monopólios, que são as grandes concentrações capitalistas e financeiras e que impedem e dificultam o progresso das pequenas e médias empresas.
8. Aceitamos e defendemos sem quaisquer reservas a propriedade pessoal de parcelas de terra, da casa habitacional, do gado produtivo, da criação, dos instrumentos agrícolas, dos rendimentos e das poupanças procedentes do trabalho, dos objectos da economia doméstica e dos de uso e satisfação pessoal e ainda a das indústrias e do comércio que o povo considere que contribui para o progresso do país.
9. Seremos, como sempre, defensores intransigentes da liberdade religiosa e da preservação do património das igrejas. Sê-lo-emos por fidelidade democrática e acatamento da vontade do povo, para defesa do povo donde provêm os militantes e simpatizantes do MDP/CDE, na maioria crentes.
10. Educação funcional numa estrutura evolutiva. Defendemos o princípio da garantia da educação e ensino para todos e o afastamento do ensino médio e superior, dos estudantes parasitas que continuamente se revelam incapazes de prosseguir estudos, transferindo-os para tarefas produtivas e o afastamento dos professores não identificados com a função do ensino ou incompetentes.
11. Só assentamos como conceito de democracia a expressão da vontade da maioria e jamais conveniências de grupos, partidos e combinações oportunistas minoritárias. Por isso o MDP/CDE é um largo Partido popular, organizado democraticamente, onde a vontade das bases e dos plenários é respeitada pela regra exclusiva da votação maioritária.
12. Reforço da unidade na acção com todas as forças democráticas, organizações de massas ou partidos que prossigam na prática os mesmos objectivos populares, ampliação e consolidação de uma larga frente democrática que exprima e favoreça em todos os planos da vida nacional a unidade popular.

Partidos Políticos — ponto por ponto

Em Agosto último foi editado o livro «PARTIDOS POLITICOS — PONTO POR PONTO», elaborado por uma equipa coordenadora de que faz parte o nosso colaborador Joaquim Couto. Esgotada rapidamente a primeira edição, programa-se uma segunda, revista e aumentada, para ser posta à venda antes das próximas eleições. Considerando-o definidor das reais finalidades e utilidade desta obra, transcrevemos o respectivo prefácio:

«Multiplicaram-se com o 25 de Abril. Hoje, contam-se por dezenas. Um ou outro ganhou corpo. Alguns, poucos, esforçam-se por obtê-lo. Muitos ficarão em embrião. A uni-los, não mais que um traço: o serem partidos políticos.

O objectivo deste livro é apresentar, ponto por ponto, a posição de alguns dos partidos políticos portugueses — os que ganharam corpo e os que se esforçam por obtê-lo — sobre questões fundamentais da vida nacional: economia, colonialismo, saúde, habitação, ensino, trabalho, greve, liberdades fundamentais, sindicalismo, monopólios, salários, segurança social...

Baseado em programas (casos do Partido Comunista Português, Partido Socialista Português, Partido Popular Monárquico, Partido Liberal e Partido da Democracia Cristã, os únicos a apresentar um programa à data da feitura deste livro), linhas programáticas, declarações de princípios e, eventualmente, em comunicados, este trabalho procura ser uma chegada ao processo de esclarecimento do Povo Português, sobretudo, em ordem a facilitar uma opção

consciente, orientada para a eleição da Assembleia Constituinte, a realizar em Março de 1975.

Para ilustrar os trinta e sete temas escolhidos e face à pouca objectividade e desenvolvimento de alguns programas, entendeu-se dever seguir um critério maleável que possibilitasse, simultaneamente, evidenciar as passagens mais apropriadas a cada assunto em foco e imprimir um carácter conciso ao tratamento dessas questões. Em contrapartida, poderão, eventualmente, atribuir-se-lhe algumas omissões que, a verificarem-se, serão fruto da estruturação das fontes utilizadas. Entendemos, contudo, que as dificuldades de momento não deviam impedir a realização do livro.

Os interesses de Portugal como Nação são vistos de forma diferente, de partido para partido. O debate ideológico não pode, nem deve acabar. Dele depende a formação política e social do nosso povo e é a sua continuação que permitirá a esse mesmo povo distinguir e optar politicamente.

De um só agrupamento «legal», passamos em breves semanas, após o 25 de Abril, para a explosão partidária.

De alguns partidos, resta-nos o penhor das suas bases seguras do passado. De outros, poucos, o desejo de contribuir para a democratização da vida social e política portuguesa. Da maioria, o oportunismo e a divisão.

Destes, quantos irão sobreviver até às eleições?»

UM OLHAR SOBRE ANTIGOS ACONTECIMENTOS

O PRIMEIRO DOS MUITOS ANSEIOS!

Ramalho Ortigão, escreveu em 1899 «A terra ama-se por simples instinto, em virtude de leis naturais que prendem o afecto dos homens aos lugares em que nasceram, assim como a raiz prende a árvore de que bebe a seiva. O amor da tradição, esse, é um resultado educativo. Para amar a tradição é preciso conhecê-la, e é no fundo desse conhecimento que verdadeiramente reside a consciência da nacionalidade. Ora o que é a tradição senão a história viva, permanente, por hereditariedade, no lar doméstico, nos usos e costumes dos lugares, nos processos de trabalho e na sua mesma língua?...

A corroborar este magnífico conceito, o Dr. Correia Pinto, brilhante orador sagrado, também nos aponta: «Quem nasce na nossa terra pertence-lhe, fica ligado a ela pelos primeiros beijos da luz, pela água do baptismo, pelo berço que teve, pelo leite que bebeu, pela fé herdada, pela magia das lendas...»

Ora é justamente nesta linha de conceito que reside a nossa intenção, e por isso vimos tentando trazer ao conhecimento dos que amam Espinho, os acontecimentos e factos que se têm podido averiguar, quer através de apontamentos quer de pesquisa de escritos, como ainda pelo que retêm na memória as pessoas mais idosas ainda vivas!

Já aqui tivemos a ocasião de dizer que, não se trata de referências de evolução política, mas de acontecimentos maiores ou menores, que se foram intercalando e que até por vezes tomaram supremacia, embora de outra feição, na vida do povo! E assim, sem ter intenção de ousadia, temos a certeza — que até os menos atentos — gostam de saber, mesmo que seja tocado por certo tipo de natural sentimentalismo que anda sempre agarrado às tradições, como seara em terreno preferido!

E posto isto, passamos a dizer que, os pescadores, uma vez afeiçoados à terra, ainda um tanto aparentemente inospita, que se debruçava sobre um mar tão aliciante, verificaram que dele continuariam a tirar o produto da sua subsistência e por isso nunca mais esqueceram que tinham de fazer dela a meta das suas aspirações: um lar, onde pudessem viver, criar os seus filhos e fazer deles o instrumento continuador virado para o futuro e que a seu tempo viesse a transformar-se numa Comunidade que correspondesse aos anseios duma terra nova! E isso bem depressa aconteceu em plena pujança!

O instinto nato desta qualidade de gente de pendor tão dinâmico, não só posto ao serviço da pesca, indicou-lhe outros rumos — negócios, indústria e artes, e logo que se julgou apto a gerir os seus destinos, não mais descansou. E foi, mercê desta sua maneira de ser que, entre outros objectivos, começou a tornar realidade uma das suas primeiras aspirações: a construção duma Capela-Igreja, onde pudessem satisfazer sem sacrifícios, os imperativos da sua ética religiosa, nas horas amargas das suas aflições!

A «Capelinha dos Galegos» envolvida

em adorável lenda, primeiro e minúsculo recinto de oração, só destinado a missa, tornou-se insuficiente, pois, a Aldeia crescia muito depressa. Até aí palmilhava-se em peregrinação, vezes sem conta, até à Freguesia de Anta, para satisfazer todas as obrigações religiosas, desde o baptismo até à sepultura que então se fazia sob as lages da Igreja, e que tempo foi!!!

Apesar de ter sido envolvida em lenda—como em cima dissemos—a «Capelinha dos Galegos» existiu porque temos fotografia dela, tão minúscula e graciosa que dá a impressão dum brinquedo infantil!

Também é certo que dois galegos, foram enterrados nela e as suas ossadas jazem no nosso cemitério, cerimónia a que presidiu o Rev. Abade Amaral, saudoso obreiro da nossa Igreja Matriz!

Ainda hoje existe família afastada dos referidos galegos, que se diz terem-se chamado: Eugénio e Márcio. Tornou-se difícil saber o ano certo deste acontecimento, contudo presume-se, por certos indícios que já existia em 1800.

Até aí éramos de um lugar da Praia, Freguesia de Anta, informação indicada através de baptizados e casamentos. Só algumas décadas mais tarde é que começou a aparecer o nome de Espinho. Em face de prementes necessidades, tornou-se então imprescindível a construção duma capela e dessa opinião partilhavam as mais destacadas famílias que para aqui vinham veranejar e já possuíam prédios.

Formou-se então uma Comissão composta de fidalgos e vareiros, por quem os primeiros tinham muita simpatia e não só por isso, pois sempre estavam prontos a ajudar tudo que pudessem para o desenvolvimento de Espinho e bem o demonstraram através do tempo!

Contribuíam com o seu prestígio pessoal para que outras famílias frequentassem a nossa praia; com dádivas de toda a ordem, para melhoramentos; organizavam festas, quer de salão quer de rua, e sempre com grande influência política, que era grande, em favor de qualquer reivindicação que dependesse do Governo e pode dizer-se, em boa verdade, que ficava em boas mãos! Contudo, a certa altura houve uma divergência no seio da Comissão, quanto ao local de construção da capela: os fidalgos desejavam-na retirada do mar e os vareiros junto dele, e a cisão deu-se.

Os primeiros construíram a capela Santa Maria Maior e os segundos a capela-futura Matriz, a espreitar o mar com a sua elegante torre!

Em 31 de Janeiro de 1877, o Cardeal D. Américo, então Bispo do Porto, autorizou o culto no referido pequeno templo, que se denominou da N. S. da Ajuda!

Em Agosto do mesmo ano, foi autorizado a que de verão, mas só durante a época balnear, fosse ministrada a comunhão, até aí obrigatória em Anta. Nesta altura apenas existia a Irmandade da N. S. da Ajuda, de recente formação, já com muitos irmãos, que começou a desenvolver tarefa de muito mérito, como a seguir veremos!

J. TATO

Segurança para o seu dinheiro, tranquilidade para si!

UM NOVO SERVIÇO BPA

cofres
nocturnos
e diurnos

Nas 24 horas do dia e nos 7 dias da semana
estamos abertos para receber os seus depósitos.
Agora com um sistema inédito em Portugal,

o BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

oferece-lhe a tranquilidade
de saber que fica em segurança o produto de um dia de trabalho.



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL.

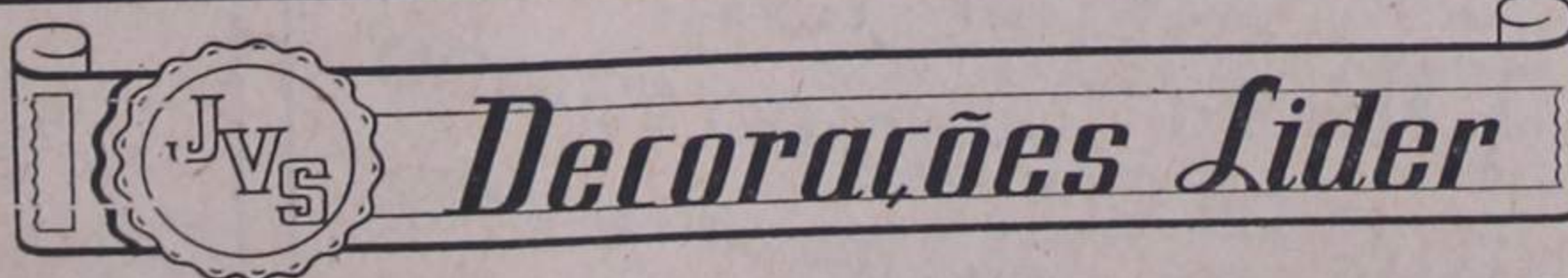
9 9
2 2
1 1
3 9
2 6
2 6

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal



TAPETES — ALCATIFAS
CARPETES — PAPÉIS DE
PAREDE

DE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO

SNACK BAR **S. PEDRO**
Aberto toda a noite com cozinha permanente

RESIDENCIAL **PORTO**

1.ª Classe

Telefones 920294 - 920391 - Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

TEMPO DE TRABALHO

A POUPANÇA RESULTA DO TRABALHO DE CADA UM. DEFENDA O RESULTADO DO SEU TRABALHO, EM SEU BENEFÍCIO E NO DO PAÍS.

DEPÓSITOS A MAIS DE UM ANO: JUROS DE 8,5%
DEPÓSITOS ESPECIAIS DE POUPANÇA: JUROS ATÉ

9,5%

(Isentos de quaisquer impostos)



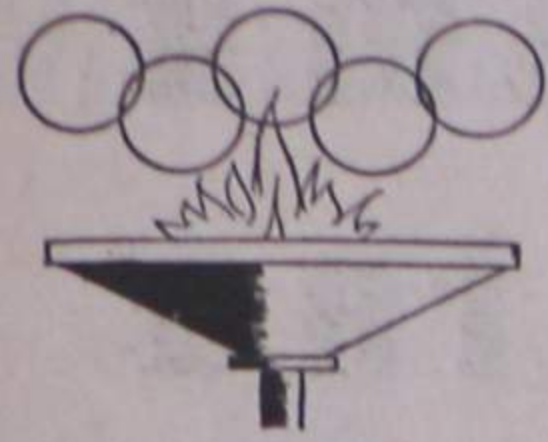
Deposite na

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

OS DEPÓSITOS NA CAIXA TÊM A GARANTIA DO ESTADO

FLUMEN



desporto



FUTEBOL

Nacional da 1.ª Divisão

C. F. Belenenses, 2 — S. C. de Espinho, 1

Estádio do Restelo — Lisboa

C. F. BELENENSES: Melo; Sambinha, Pereira, Freitas e Cardoso; Pietra, Quaresma e Godinho; Pincho, Ernesto e Gonzalez.

Substituições: Após o intervalo entrou Isidro para o lugar de Quaresma, e aos 70 m. saiu Ernesto e entrou René.

S. C. ESPINHO: Anibal; Ribeirinho, Simplicio, Washington e Valdemar; João Carlos, Bené e Ferreira da Costa; Augusto, Gaúcho e Júlio.

Substituições: Após o intervalo entrou Malagueta em vez de Ferreira da Costa e aos 70 m. saiu João Carlos e entrou Meireles.

Marcadores: Aos 2 m. Gaúcho marcou o tento do S. C. E. e aos 34 e aos 67 o C. F. B. marcou por Ernesto e Pincho.

Arbitro: Francisco Lobo, da C. D. de Setúbal.

De outras vezes, ou era o Festival da Canção ou eram as jornadas europeias do Benfica que faziam com que as ruas ficassem desertas. Desta vez foi a transmissão pela TV do jogo Belenenses-Sp. de Espinho que fez com que o movimento pelas ruas desta cidade, entre as 15 e as 17 horas do passado sábado, fosse quase nulo.

Muita gente quis ver no seu televisor os atletas espinhenses a jogarem em Lisboa e quando logo aos 2 minutos de jogo eles marcaram o primeiro golo do desafio mais esse desejo de ver o jogo na T. V. se acentuou.

E mais uma vez o futebol a servir de veículo à propagação do nome de Espinho por esse país fora. É pena que o comentador da RTP só esteja identificado com meia dúzia de colectividades porque se soubesse um pouco dos clubes da província até poderia dizer que muitos dos atletas que defendem as cores do S. C. Espinho praticam a modalidade no clube desde os juniores, o que quer significar que em Espinho se faz desporto a começar pelo princípio, isto é, pelas escolas desportivas, tanto no futebol como no hóquei, no voleibol e no andebol. Pois é. Na equipa espinhense que actuou em Lisboa lá estiveram quatro ex-juniões e se não fosse a lesão de Gonçalves até eram 5 — quase meia equipa!

De resto pouco mais mostrou a TV em relação à equipa do S. C. E. que já

não se reconheça, como por exemplo, os progressos do guardião Anibal, a actividade permanente de Ribeirinho e Augusto, a presença de Washington e a ineficácia de Malagueta, bem como uma meia dúzia de pormenores que caracterizam alguns jogadores espinhenses, nomeadamente a maneira irregular como se desfazem da bola o que provoca passes transviados e às vezes situações de apuro na defensiva.

Há no entanto a lembrar que também a TV mostrou como na 1.ª parte o S. C. Espinho soube criar boas jogadas de contra-ataque e de tal forma que os jogadores mais referidos eram o Freitas, defensor belenense, e o atacante espinhense Ferreira da Costa, mas este por engano. O comentador não conhecia os intervenientes no desafio e trocava o Augusto pelo Ferreira da Costa. É tempo de a Televisão rever este ponto. Não haverá mais ninguém para alternar com o senhor Alves dos Santos, nomeadamente quando há equipas fora de Lisboa a jogar?

Depois do intervalo é que o Belenenses conseguiu fazer o resultado, carregando sobre a defensiva do Espinho sem ter que se preocupar com o ataque contrário, pois só nos últimos cinco minutos do jogo é que as jogadas ofensivas espinhenses surgiram à procura de um empate que bem poderia ter sido o resultado do desafio.

13.ª JORNADA:

S. C. ESPINHO — S. C. OLHANENSE

Amanhã visita Espinho outra equipa da beira-mar, o popular Olhanense. Mais um desafio dos considerados muito difíceis, considerando que ambas as equipas estão classificadas naquele sector do escalão máximo convencionado como zona perigosa.

Os algarvios, comandados pelo técnico Manuel de Oliveira, têm sido muito realizadores. Neste momento constituem o 4.º ataque mais eficaz, com um total de 25 golos, dos quais 12 foram marcados fora de casa. São os tais que empataram no Estádio da Luz, venceram em Setúbal, marcaram 4 golos em Belém e nas Antas, enquanto jogaram completos, não foram inferiores ao Porto, além de já terem «morto o carneiro» no jogo contra o Sporting.

Perspectiva de jogo emocionante amanhã no Campo da Avenida, onde além do mais há uma classificação que os jogadores e o público de Espinho tem a defender, pois não se esqueçam que vão em 1.º lugar na Taça Disciplina.

Pesca desportiva

A Secção da A. A. E. vai realizar no próximo dia 22 um Concurso de Pesca Desportiva de Mar para os seus sócios e simpatizantes. Esta prova constituirá uma homenagem póstuma a Francisco Caldeira, figura inesquecível do clube e cujo nome será dado à taça que constitui o primeiro prémio. Haverá, pelo menos, vinte e dois troféus em disputa, podendo os interessados obter esclarecimentos e efectuar as suas inscrições na sede do Clube.

JUNIORES

11,00 — C. D. U. P.-S. C. E. — No Universitário.
20-12-74

JUNIORES

S. C. E.-Flães — 22,00 — No Pavilhão do S. C. E.

VOLEIBOL

SENIORES

A. A. ESPINHO, 1-SANTO TIRESO, 3

AAE — Lopes, Beto, Monteiro, Melo, Adriano, Correia, Fausto, Soares e Adellino.

Vitória certa dos visitantes, tendo os locais oferecido excelente réplica. A arbitragem teve muitas falhas.

JUNIORES

S. C. ESPINHO, 3-V. ANDORINHO, 0

SCE — Jorge, Teixeira, Vingado, Paula, Paulino, Soares, Adrego e Azevedo.

Resultados Parciais: — 15-5; 15-5 e 15-5.

Tal como o resultado nos indica, o Sporting de Espinho não teve dificuldades de vencer o seu adversário. Arbitragem sem problemas.

JUVENIS

S. C. ESPINHO 1-ESMORIZ, 3

SCE — Pereira, Alvaro, Marques, Rogélio, Tavares, David, Azevedo, Cascais e Miranda.

Derrota inesperada dos «tigres» pois no primeiro confronto para o Torneio Início, estes tinham vencido pela margem que não deixava dúvidas do seu valor. Tal não aconteceu, porque o Esmoriz tem subido muito de rendimento nos últimos jogos.

A. A. S. MAMEDE, 2-A. A. E., 3

AAE — Serrano, A. Pinto, Antunes, Paulino, Barra, Paupério, Alves, Baptista, Lacerda, Monteiro e Fidalgo.

Jogo fraco, em que os académicos voltaram a não convencer. De salientar que esta equipa ainda não perdeu neste regional.

TORNEIO DE INICIADOS DA A. A. E.

S. C. ESPINHO, 1-CARVALHOS, 3

SCE — Tavares, Castanheira, Carvalho, Avelino, Fernandes, Pinto, Ribeiro, Maia, Almeida, Teixeira, Rocha e Pinho.

Vitória certa, num jogo muito interessante, entre duas boas equipas.

ESMORIZ, 3-A. A. ESPINHO, 2

AAE — Orlando, Rui, Rogélio, Fidalgo, Ribeiro, Lacerda, Iglésias, Jorge, Duarte, Ricardo e Maltez.

Surpreendentemente a equipa da Académica de Espinho deixou-se superar depois de ter o resultado a seu favor por 2-0. Talvez por excesso de confiança, não conseguiram nos três últimos setes vencer o seu opositor que constitui um conjunto mais fraco, mas muito aguerrido e humilde.

No final foram entregues taças aos quatro finalistas deste torneio, organizado pelo clube espinhense. Estiveram presentes delegados do clube organizador, Arbitros e da Associação de Voleibol do Porto.

Classificação Final

- 1.º — ESMORIZ
- 2.º — A. A. E.
- 3.º — CARVALHOS
- 4.º — S. C. E.

Hóquei em Campo

RESERVAS

Ac. de Espinho, 0-Ramaldense, 2

AAE — Sancebas, Pinho, Raimundo (Freitas), Alexandre, Justino, Moraes, Catarino, Barradas (Rogério), Milheiro, Dias e Cruz.

Intervalo: 0-1

Jogo equilibrado, tendo vencido a equipa mais experiente.

HONRA

Leixões, 4-Ac. de Espinho, 0

AAE — Sancebas, Albano, Meneses (Filipe), Amílcar, Lima, M. José, Miro, Oscar, Vladimiro, Rocha e Adérito.

Intervalo: 1-0.

Mais uma má exibição desta equipa espinhense, que vem piorando de jogo para jogo.

Algo de mau vem acontecendo com esta equipa, pois teve um início muito promissor estando a claudicar com adversários que teoricamente lhe são inferiores.

T. C.

XADREZ

A. A. Espinho, 4-C. G. Depósitos, 2

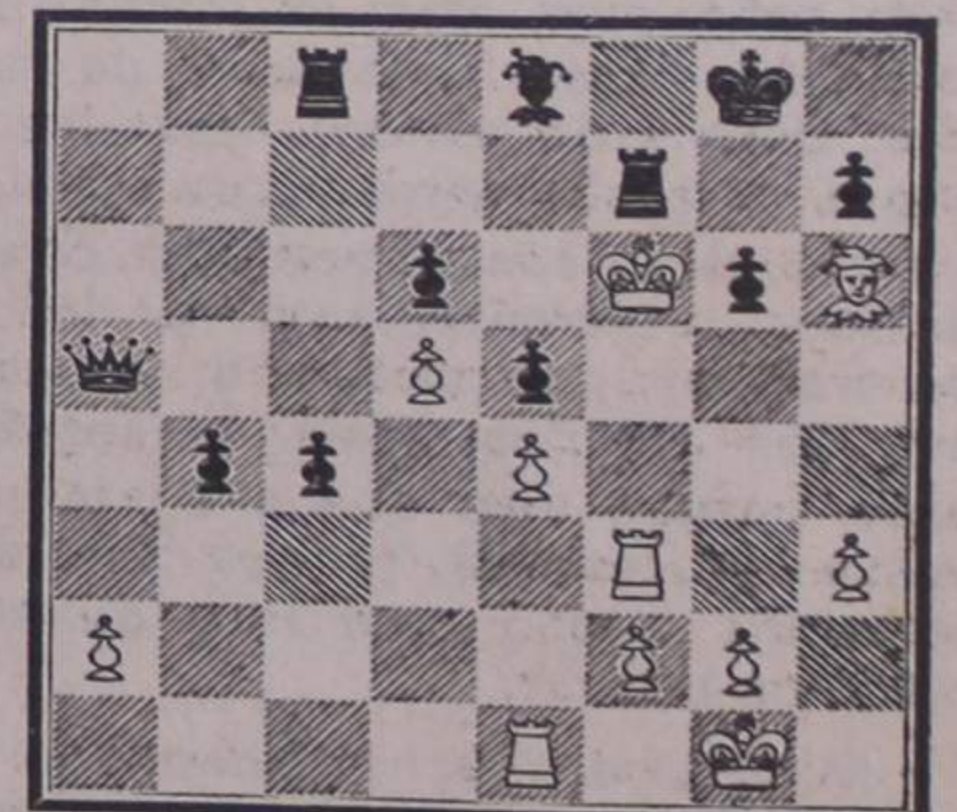
No passado dia 7 uma equipa da A. A. E. deslocou-se ao Porto para defrontar o grupo da C. G. Depósitos. Embora constituída por elementos bastante jovens, com idade média de 16 anos, a turma espinhense venceu bem. Os xadrezistas académicos foram: Bismark (1), Azevedo (1), Victor Sousa (1), Amadeu (0,5), António Monteiro (0,5) e Carlos Gonçalves (0).

VAMOS JOGAR XADREZ

por Henrique Cierco

PROBLEMA N.º 11

Do Campeonato Checo de 1956, chegou-se a esta posição, numa partida, em que as brancas parecem à primeira vista comprometidas, no entanto uma forte jogada levá-las-á à vitória.



AS BRANCAS JOGAM E GANHAM.

Solução do Problema N.º 10 — Apresentado na passada semana:
1. B5C1 e ganham o bispo, já que se

T. C.

1. ...BxB; 2. D8T+ conduziria ao mate.

CARTAZ

VOLEIBOL

14-12-74

INICIADOS

18,30 — A. A. E. (B)-Carvalhos — No Pavilhão da A. A. E.

SENIORES

22,00 — C. Maia-A. A. E. — No Pavilhão do Maia.

15-12-74

INICIADOS

10,00 — Esmoriz-S. C. E. — Na Escola de Espinho;

11,00 — C. Maia-A. A. E. (A) — No Pavilhão do Maia.

JUVENIS

10,30 — Madalena-S. C. E. — Escola de Gaia.

**A "Defesa" precisa de assinantes
Fale ao seu amigo**

GAZETILHA

Intermezzo

Que dia tão bonito, o que passou!
Na agonia do Sol, espectação!
Parece, até, que o espírito parou
De estimular a minha inquietação.

Foi a vista do Mar que o sossegou;
Essa monotonia emoliente
Foi, insensivelmente, o que actuou
Levando a paz ao meu subconsciente;

Certo é que quem habita junto ao Mar
Todo o dia, toda a noite, todo o ano,
Já nem dá conta do seu marulhar,
...Esse «ruído de fundo» do Oceano.

Porém, tudo é falível e alterável
E o que ontem foi assim, hoje é diferencial!
Basta a chuva, se traz vento implacável...
E muda a face o Mar, nesse repente!

— E era tão lindo o dia que findou!
E era tão grata essa tranquilidade!
Que bruta tempestade transmutou
A doce paz da alma em ansiedade!

Assim se alternam calma e sobressalto,
O sobe-e-desce do alcatruz da nora...
— Mas não se imponha à Vida o mortal salto,
Ninguém se renda, sem que chegue a hora!

Alberto Barbosa (BEKA)

RASCUNHOS

Tive, na minha vida escolar, professores dos mais variados tipos e capacidade.

As primeiras letras ensinou-mas a minha tia-mãe, bem novito, ficando logo com o vício de ler tudo quanto me aparecesse na frente dos olhos — jornal diário, «Senhor Doutor», «Mosquito», etc.

Depois, num colégio que desapareceu há muitíssimos anos, surgiu-me um «habilitoso» que tinha a seu cargo, salvo erro, além da minha turma da 4.ª classe, uma outra da terceira. Depois do almoço, dava-lhe o sono e, para não perder uma saborosa sesta, dava aos alunos uma conta qualquer, preferentemente de dividir que era mais complicada, e só acordava nos minutos finais da sessão, quase sempre sem que a conta estivesse solucionada, porque nós não perdíamos tempo com isso quando podíamos brincar.

Mais tarde, já no curso dos liceus, apareceu-me um professor que tinha uma facilidade espantosa de tornar claro o mais obscuro dos temas. Mas, em contra-veneno, era bastante duro nas suas recriminações, berrava como um possesso e amedrontava toda a gente mais do que se fazia respeitar. Para lhe fugir, acabei por errar a escolha do rumo final e terei aí escolhido um caminho académico

que me não era — nem foi — o mais aconselhável.

Outro professor, que as opiniões políticas haviam afastado da sua principal actividade — militar de carreira —, era a calma personificada e uma figura inesquecível pela sua vastíssima cultura, pela sua irradiante simpatia e por uma honestidade incontestável, que o levava a, embora o livro oficial da disciplina que ministrava fosse seu, nos aconselhar a não o comprar. Os resumos que escrevia na pedra, chegavam e bondavam.

Mais do que de todos estes eu queria lembrar um de quem guardo muitas recordações e que só a anos de distância e depois de ele ter desaparecido do chamado «mundo dos mais» apreciei devidamente. Homem enorme de tamanho, de feições duras, escondia um coração de ouro. Gerações de alunos beneficiaram dos seus ensinamentos; algumas vezes «empurrados» com uns estalos que a pedagogia desaprovava mas que, num caso, passado comigo, foram absolutamente eficientes. Ao corrigir-me uma prova de Português, chamou-me, pregou-me uma valente bofetada e disse-me: «Os verbos pôr e querer nunca têm a letra Z mas sim S nas suas formas».

E nunca mais me esqueci.

C. P. M.

FIM DE SEMANA • 81

Está o Governo a iniciar a tomada de diversas medidas para, quanto possível, ir ao encontro do remédio das carências de habitação.

Das mais recentes figura a legislação que incentiva o Fundo de Fomento de Habitação, com apoio financeiro de instituições de crédito dependentes do Estado ou em que ele tem posição predominante (Caixa Geral dos Depósitos e Crédito Predial Português), a contratação com empresas privadas da construção de habitações de tipo social, não se limitando aquele Fundo ao papel passivo de aguardar que as empresas construtoras o procurem, mas indo ele mesmo ao encontro delas, convidando-as à construção.

Oferecerá o Fundo de Fomento largas vantagens aos construtores e, como princípios válidos, temos para já o facto de o Estado dar um primeiro passo para chamar a si a iniciativa da construção da habitação de tipo social e de pôr ao serviço da comunidade a poupança resultante dos depósitos naqueles institutos de créditos; embora não possa ainda ele mesmo por si fazer a construção, toma já uma posição aceitável e definidora da compreensão da sua obrigação no problema da habitação.

A única restrição que poderá fazer-se é a de essas habitações de tipo social poderem destinar-se tanto ao mercado de arrendamento como à aquisição de habitação própria; pelas razões já anteriormente expostas afigura-se-nos que todo o esforço que o Estado possa dispender neste sector deverá contemplar apenas a construção de tipo social para o mercado de arrendamento.

Identicamente, legislação recente remodelou a regulamentação de construção de casas de renda limitada, estabelecendo isenções para os investigadores e a garantia de que o preço da construção produziria sempre rendimento igual à taxa de juro de depósito a prazo corrente.

Não se afigura que esta garantia satisfaga o investidor ou o cativo.

No investimento na construção para arrendamento há a considerar encargos permanentes que o proprietário tem de suportar — seguros, custo de reparações,

despesa de administração, despesas judiciais com pleitos, prejuízos de perdas de rendas por arrendatários relapsos ou por vacatura da habitação sem imediata re-locação, etc., além do trabalho que essa administração importa, já para não falar da contribuição predial que, se nesses casos pode ser compensada pelo imposto de aplicação de capitais; nos depósitos em instituições de crédito dependentes do Estado podem estes estar isentos de imposto.

As vantagens de actualização permanente do valor investido consentido pela edificação contra os prejuízos da desvalorização do dinheiro a que está sujeito o depósito não compensarão os encargos e tarefas que a administração da propriedade acarreta.

Haverá que criar um estímulo maior, com totais isenções de encargos fiscais, incluindo licenças camarárias, estudo de reduções dos custos da construção, para que o investidor aufera do capital vantagem superior.

Resta o plano S. A. A. L., que pode dar resultados positivos, mas que só a experiência e o tempo nos permitirão apreciar. E até pode dar efeitos positivos em certos casos e lugares e ser inaplicável em outros. Mas sempre será um remedeio.

Falta ainda ver como se resolverá, dentro destes planos, o problema da propriedade e do pagamento da apropriação dos prédios aos donos; há quem defenda uma propriedade colectiva dos bairros para uma associação dos moradores, que lhes arrendará, indo as rendas amortizar o preço da propriedade e pagar o juro devido; há quem defenda o investimento das poupanças dos arrendatários para adquirirem a moradia que ocupam.

Cremos que também neste modo de processamento do plano a solução não poderá ser igual para todos os casos; qualquer das soluções satisfará, embora com as reservas que, quanto à de aquisição da moradia própria, temos posto — mas aqui tolerável, pelos modestos capitais aforrados immobilizados na compra, pois as moradias serão fatalmente de preço baixo.

VASCO LUIS

Restaurante do Hotel MAR AZUL

ABRIU AO PÚBLICO

Serviço à lista, Almoços e Jantares

Avenida Oito

■ ESPINHO ■

Telefone, 920824



RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE
* * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 132
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

SEMANÁRIO
AVENÇADO

Camara Municipal de Espinho

Rua -19

ESPINHO